

A CLÍNICA PSICANALÍTICA HOJE

Hoje, a clínica psicanalítica acolhe um tipo de sujeito que avança sem referências, sem um mapa que lhe dê as coordenadas da casa de onde partiu. Ele está no mundo por sua própria conta, sem direção, como um completo desconhecido, insone e sem ter para onde ir. Estas são estrofes de canções de Bob Dylan que, certamente não por acaso, recebeu o último Nobel de Literatura. Dylan retrata de modo contundente o homem de hoje: um Ulisses sem Ítaca. Nem epopeia, nem tragédia: na vida, hoje somos como pedras rolando...

Tal fragilidade simbólica retorna no real do corpo, brutalmente marcado pelas indiferenças da contemporaneidade.

A virulência do desejo, ponto no qual a vida se ata à morte num abraço obscuro e transgressivo, cede lugar ao império da vontade, sempre tão ascética, a exigir uma felicidade sem custo: nada de dor, sujeição ou perda. “O corpo é meu e minha vontade o molda, o resto é opressão”. “Sou o que faço de mim”. Esse *self-made man* levado ao extremo, considera o Outro mero estorvo para seu prazer autista.

As muitas ambiguidades sexuais que se apresentam na cena contemporânea, os corpos transformados, tatuados, monstruosamente gordos, assustadoramente magros, denunciam uma estrutura entre psicótica e perversa a florescer na constituição subjetiva. Grandes vazios existenciais, pânico, depressão, surgem agora como expressão sintomática da histeria, ao passo que a neurose obsessiva se traveste de compulsão em colecionar, soterrando a vida em entulho ao mesmo tempo que as diferentes adições, os vícios, arrastam inexoravelmente o sujeito para uma morte anunciada.

O sujeito humano é resultado da articulação de três registros, cada qual com uma consistência diferente, cuja amarração produz o mundo em que vivemos. Essa estrutura ternária é a base do Édipo descrito por Freud, palco da castração que constitui o ser humano e do mal-estar que o acompanha na vida. Os atores da cena edípica são o Pai, a Mãe e o filho. Lacan, introduzindo os conceitos de real, simbólico e imaginário, acrescenta mais espessura a essas três posições na família.

Embora a estruturação humana siga aderida ao Édipo e à castração como operadores da constituição subjetiva desde que o ser humano apareceu no mundo ao deixar a selva para entrar na cultura, a expressão sintomática da subjetividade vem mudando conforme muda o equilíbrio de forças entre os ocupantes das diferentes funções na família.

Freud se deparou com histéricas, cujos sintomas são metáforas. Cada histérica denunciava, de modo metafórico, a falência do Pai, sua impotência em satisfazer o desejo da Mãe. O desejo da mãe fracamente referido ao pai, aprisiona a criança a esse cativo ao qual ela se vota por não saber o que é ser uma mulher. O corpo da histérica é pura linguagem, ele se metaforiza em conversões, puro simbólico. É na fronteira do simbólico com o real que a histérica amarra, com a metáfora paterna, seu gozo. Freud foi o clínico desse corpo simbólico; ele foi seu tradutor.

Quando Lacan entra em cena, o vínculo social está em mutação. O homem vai encontrando cada vez mais dificuldade para ocupar o lugar de Pai na família, o que aprofunda a falência de sua função. Isso traz consequências para a constituição subjetiva do filho. Consequentemente seus sintomas mudam, seu corpo expõe agora a dimensão indomável do real. Nada de metáfora aqui, nada de articulação significativa. O corpo se apresenta marcado pela linguagem em sua dimensão de letra, real sem articulação, sendo aí que localizamos a sintomatologia do sujeito contemporâneo.

A clínica agora tem que ser outra, tem que dar conta desse real a céu aberto, desse sujeito quase delirante, tantas as certezas que ele tem sobre si: “Sou bipolar”, “tenho TPM”, “sou trans”, “tenho síndrome do pânico”, “meu filho tem TDAH”, a lista é infinita, a certeza toma o lugar da dúvida neurótica. O sujeito demanda ser curado, livrado desse incômodo que se apoderou dele, mas que não lhe pertence. “Cure-me desta doença” é uma demanda diferente daquela que expressa um “não sei o que se passa comigo”.

O que caracteriza a escuta deste tipo de demanda? Como o analista se situa aí? Como depurar a demanda por trás do imperativo do “cure-me”? Quais os desafios que esse sujeito que sabe impõe para que se estabeleça o sujeito-suposto-saber, sustentáculo da transferência? Como conduzir uma clínica que opera nas bordas do real?

Estas questões estarão em pauta durante este ano de 2017, no seminário dedicado à **Clínica Psicanalítica Hoje**.

BIBLIOGRAFIA:

-Coutinho Jorge, M.C., *Fundamentos da Psicanálise – de Freud a Lacan, vol. 3 A Prática Analítica* (parte III Reinventar a Prática), Zahar Ed., rio de Janeiro, 2017.

-Forbes, J. (Ed.), Riolfi, C. (Org.) *Psicanálise: A Clínica do Real*, Editora Manole, São Paulo, 2014.

-Morel, G. *Ambigüités Sexuelles – Sexuation et Psychose*, segunda edição, Anthropos, Paris, 2004.

-Roudinesco, E. *A Parte Obscura de Nós Mesmos: uma história dos perversos*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 2008.

-Safouan, M. *Regard Sur La Civilisation Oedipienne – désir et finitude*, Hermann Éditeurs, Paris, 2015.

Obs.: esta bibliografia representa apenas uma sugestão de textos para a abordagem da questão, podendo ser ampliada ou substituída por outros, à medida que o tema for sendo elaborado no decorrer do seminário. Espera-se dos participantes a sugestão de outros textos.

Regina Steffen – Comissão de Ensino